
TRABALHO CORPORAL E DANÇA EM TERAPIA OCUPACIONAL GRUPO DE MÃES E FAMILIARES⁽¹⁾

Flávia Liberman⁽²⁾

Beatriz Vogel⁽³⁾

LIBERMAN, F., VOGEL, B. Trabalho corporal e dança em terapia ocupacional grupo de mães e familiares. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, v.11, n.2/3, p.63-7, maio/dez., 2000.

RESUMO: O presente artigo trata de algumas reflexões acerca de um grupo de trabalho corporal e dança com mães e familiares de portadores de deficiência na Estação Especial da Lapa - São Paulo. Através de observações sobre esta experiência mostramos a potencialidade das abordagens corporais em Terapia Ocupacional, delineando alguns de seus objetivos e aspectos metodológicos. Além destes, analisamos algumas repercussões destas ações junto àquela população, reafirmando a necessidade do terapeuta ocupacional em atuar junto à família, particularmente as mães e/ou pessoas que mantêm um convívio próximo aos portadores de deficiência.

DESCRITORES: Terapia através da dança/métodos. Psicoterapia de grupo/classificação. Relações familiares. Relações mãe-filho.

INTRODUÇÃO

Este artigo trata de uma intervenção que envolve trabalho corporal e dança, realizada com mães e familiares de portadores de deficiência, na Estação Especial da Lapa (EEL). Nosso trabalho iniciou-se em março 1999, se encontra em andamento e se estenderá provavelmente até o final do ano; há, portanto, muito a pesquisar e analisar. Por nos encontrarmos em fase bastante inicial de reflexão, optamos, neste momento, por uma apresentação ainda panorâmica, na qual apenas destacaremos alguns dos aspectos que nos parecem mais importantes.

De acordo com documentos da instituição, a EEL é um centro de Convivência e Desenvolvimento Humano

que atende prioritariamente pessoas portadoras de deficiência, maiores de 14 anos. A instituição é mantida pelo Fundo Social de Solidariedade do Estado de São Paulo, através de contribuições feitas pela iniciativa privada. Das vagas disponíveis, 70% são para pessoas portadoras de deficiência e 30% para pessoas da comunidade em geral.

A EEL oferece: cursos profissionalizantes, realizados em parceria com o SENAI e ministrados por professores desta instituição; programa de condicionamento físico e esporte adaptado, coordenado pela Escola de Educação Física da Polícia Militar; diversas oficinas culturais, ministradas por oficinairos e alguns trabalhos de Terapia Ocupacional, realizados por terapeutas do Centro de Docência e Pesquisa do Curso de Terapia

⁽¹⁾ Íntegra do tema livre apresentado no VI Congresso Brasileiro de Terapia Ocupacional em Águas de Lindóia, SP, em outubro de 1999.

⁽²⁾ Mestre em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Terapeuta Ocupacional do Centro de Docência e Pesquisa em Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, FMUSP.

⁽³⁾ Especializanda em Terapia Ocupacional na Área de Saúde Mental na Universidade Federal de São Paulo.

Endereço para correspondência: Estudio Flávia Liberman. Rua Vanderlei, 1340. 05017-020 - São Paulo, SP. E-mail: estudioflavialiberman@ig.com.br

Ocupacional da FMUSP. É neste último grupo que nos incluímos.

Para a participação nas oficinas recorre-se a uma combinação de critérios: escolha pessoal do candidato, adequação e vagas disponíveis. Além disso, há uma equipe multidisciplinar (psicóloga, assistente social, pedagoga) responsável pela triagem inicial, orientação, encaminhamento e acompanhamento dos candidatos.

Este é o contexto geral, no qual se desenvolve nossa intervenção.

Os objetivos

Nossos principais objetivos com esse projeto são:

- criar um espaço de escuta entre as participantes para que elas possam, através do trabalho corporal e da dança, trocar idéias, falar, compartilhar e refletir sobre suas experiências e histórias;
- criar uma rede de convivência que transcenda o espaço da experimentação;
- criar um grupo onde cada pessoa tenha um lugar, construindo uma pertença dentro de um espaço coletivo;
- criar um grupo de referência que fortaleça o processo de singularização de cada participante;
- trabalhar com o cotidiano, ou seja, realizar experimentações que possam ser retomadas no dia a dia, auxiliando as participantes quando estiverem em suas casas com os filhos, maridos, dentre outros;
- tratar das dores, através de exercícios de autocuidado e atenção às posturas corporais e aos movimentos;
- procurar trazer as suas histórias para que sejam repensadas. Oferecer espaço para parar e refletir sobre a vida, através do trabalho com o corpo;
- trabalhar e desenvolver o potencial e o conhecimento do grupo no campo do trabalho corporal e dança;
- promover um espaço para o conhecimento do corpo e das suas possibilidades em termos de expressão, comunicação e criação;
- injetar um novo interesse: o próprio corpo, o relacionamento com o outro através da linguagem corporal, o conhecimento de si através desta escuta do corpo;

- vivenciar o aspecto lúdico e divertido das experimentações.

O grupo

Diferentemente da dinâmica da instituição, o grupo de mães e acompanhantes com o qual trabalhamos foi formado a partir de uma procura espontânea e busca responder às seguintes solicitações:

- abrir um campo de atuação em Terapia Ocupacional na instituição em questão;
- trabalhar com as mães e acompanhantes dos deficientes que vinham solicitando um espaço específico;
- promover uma intervenção que possa incorporar estagiários de 4º ano do curso de Terapia Ocupacional da USP, fornecendo também material para supervisão da atuação dos mesmos⁽¹⁾.

Buscando evitar possíveis resistências por parte dos interessados que tenham restrições à terapia devido ao desconhecimento da profissão, nossa proposta foi apresentada ao grupo como atividades de relaxamento, trabalho corporal e dança, sem menção direta à Terapia Ocupacional.

Inicialmente, criamos um questionário – recurso que utilizamos com frequência – que nos permitiu o acesso a muitas informações a respeito de quem nos procurava: expectativas, dados da história, etc. As primeiras reuniões foram destinadas a uma conversa com as interessadas, ainda sem o compromisso de participação (tal como em uma entrevista). Nosso objetivo era propiciar que as pessoas pudessem nos conhecer e estabelecerem contato com nossa proposta. Neste primeiro momento aplicamos o questionário em grupo, viabilizando a ajuda mútua e, só então, iniciamos nossa intervenção.

Houve um tempo inicial de um mês para a formação do grupo. A partir daí, aconteceram e acontecem entradas isoladas. Assim, o grupo é aberto, porém conta com um número constante de participantes que se encontram todas as segundas e quartas-feiras pela manhã, por cerca de uma hora e meia. Há mães que vêm somente uma vez por semana, de acordo com os dias de atividades do filho na instituição; entretanto, algumas integrantes comparecem mesmo que o filho não tenha atividades na EEL.

⁽¹⁾ É importante dizer que o grupo foi esclarecido a respeito da finalidade científica da proposta e também a respeito da importância da permanência dos estagiários ao longo do trabalho. Houve, assim, a coordenação do Terapeuta Ocupacional e a presença de 2 estagiários, sendo que um deles permaneceu mesmo após o término do estágio. O estagiário atua no grupo como co-terapeuta, dando suporte, tanto para o terapeuta como para o grupo. Nessa medida, ele representa uma segunda referência para o grupo. Em casos emergenciais pode assumir a coordenação, dando continuidade ao trabalho; durante as atividades normais, atua como mais um observador, que enriquece a documentação e as reflexões; questiona a prática do terapeuta e traz uma bagagem de experiências e conhecimentos próprios que poderão enriquecer as dinâmicas propostas ao grupo.

A partir de uma análise inicial dos questionários foi possível traçar um perfil provisório do grupo. Trata-se de 25 mulheres, com faixa etária entre 42 e 72 anos; em sua maioria donas de casa. Todas têm, na família, portadores de deficiências; a maior parte é composta por mães, havendo também duas avós e uma irmã. Quanto à classe social, registra-se heterogeneidade, havendo desde uma catadora de papel até uma moradora de Alphaville (condomínio da classe alta de SP). A maioria dessas mulheres não tem qualquer experiência anterior com trabalho corporal ou dança e muitas trabalham como voluntárias na EEL.

Metodologia utilizada

Além de nossa experiência pessoal, temos adotado como referências básicas: o método proposto por Naíza de França, método de Danceability (EUA), técnicas de relaxamento, Danças Circulares, o método das Cadeias Musculares e Jogos Corporais.

A explicitação de cada método necessitaria de um outro espaço; por isso, trataremos apenas de ressaltar e explicitar alguns de seus componentes. Para saber mais

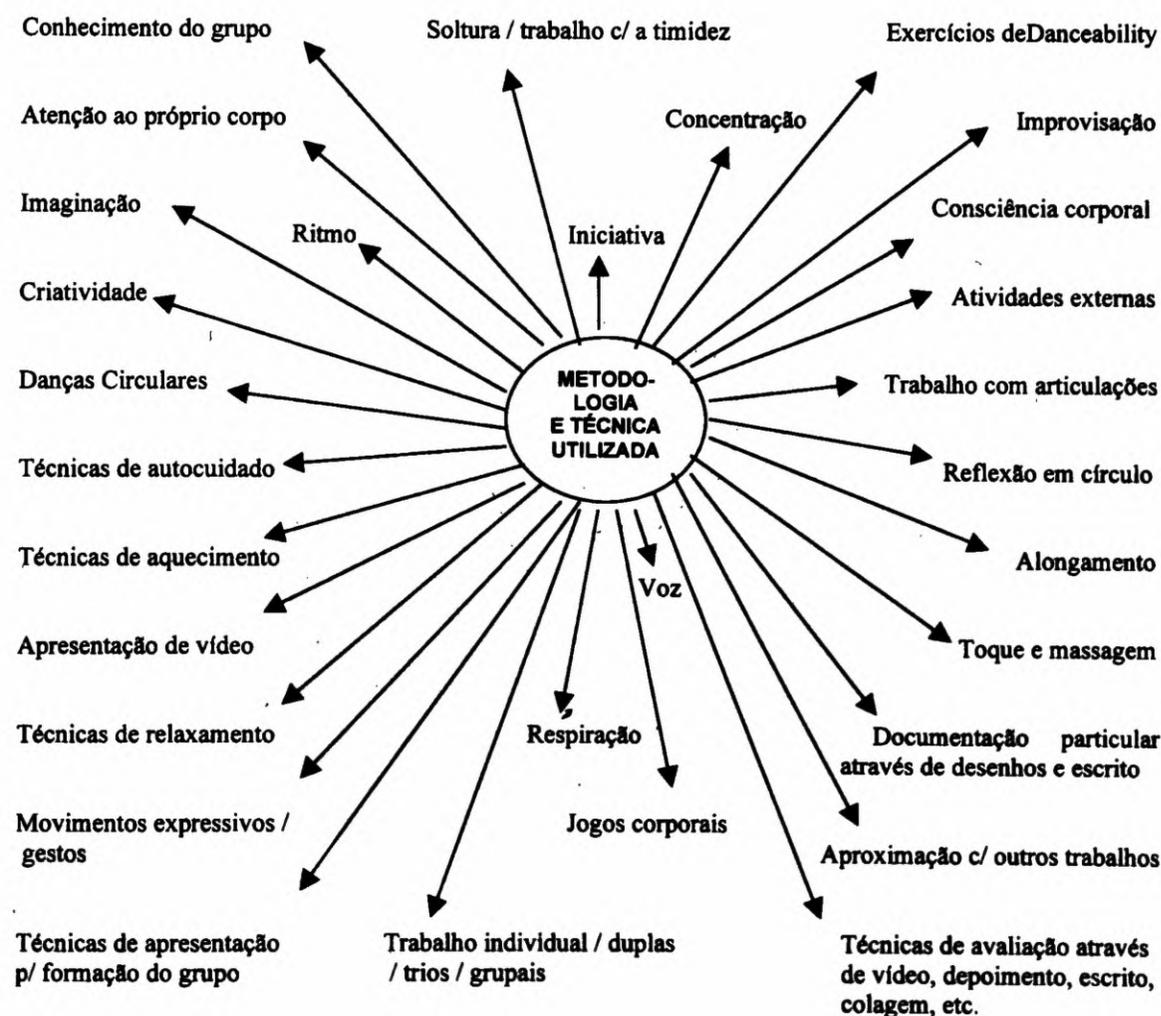
sobre eles, sugerimos a leitura do livro *Danças em Terapia Ocupacional* (LIBERMAN, 1998) e de outros artigos da mesma autora que estão à disposição.

Todas as propostas, o método e a filosofia do trabalho são explicitados e debatidos com as mulheres ao longo do processo. Na medida do possível elas colaboram dando opiniões, solicitando determinadas atividades e avaliando permanentemente a experiência.

Nossos princípios são:

- as atividades devem ser acessíveis a todas as pessoas que pertencem ao grupo;
- qualquer pessoa, a qualquer hora, pode escolher não realizar a atividade proposta;
- busca-se a construção de um trabalho coletivo, garantindo, contudo, a atenção individualizada;
- respeito aos limites e possibilidades.

Para que se possa visualizar melhor a metodologia e as técnicas utilizadas durante este período, observe-se a esquematização de alguns dos vetores da intervenção. É importante dizer que o material fotográfico utilizado para a organização do esquema, foi construído a partir da conversa e escolha dos coordenadores e das participantes.



Observações sobre a experiência

Faz parte de nossa metodologia de trabalho realizar avaliações na forma de colagem, escrita, criação de gestos ou falas, tanto ao término de cada encontro como ao final de cada semestre. Documentamos a experiência também através de registro fotográfico e vídeo.

Uma análise preliminar deste material, aliada ao nosso registro diário e ao questionário aplicado, nos permite tecer algumas considerações.

Observamos que em um curto período de tempo (cerca de quatro meses) houve a formação efetiva de um grupo, o que pôde ser constatado através da permanência das participantes, do sentimento de coletivo expresso por muitas delas e de um “clima” de confiança que permite às mulheres realizarem as experimentações, falarem de suas intimidades e trocarem idéias.

Houve uma adesão da maioria das participantes ao trabalho, com apenas duas desistências durante este período. A maioria das mulheres permanece nas atividades até o seu término, mesmo com o filho presente no mesmo espaço institucional.

As participantes se envolvem nas propostas e as realizam prontamente. Nos parece – e os depoimentos confirmam – que, apesar da vergonha e da timidez que permeia todo o trabalho, existe a vontade de descobrir o próprio corpo, de se cuidar e encontrar interlocutores para as suas questões cotidianas.

Este aspecto nos parece ainda mais interessante, uma vez que constatamos, a partir da leitura dos questionários e da observação, que a maioria das participantes tem pouca ou nenhuma experiência anterior com trabalho corporal ou dança. M.H. (58 anos), por exemplo, em um de nossos encontros, relata nunca “ter recebido ou massageado qualquer pessoa em toda sua vida” (sic).

Ainda em relação ao trabalho corporal em si, observamos a dificuldade da comunicação através do corpo. Em muitos momentos, predomina a comunicação verbal, dispersando a experimentação, principalmente quando realizamos vivências de aproximação que envolvem o toque do próprio corpo e do corpo do outro. Isto se deve, a nosso ver, ao desconhecimento do corpo, às poucas oportunidades em experienciá-lo e a todos os sentimentos que emergem a partir deste trabalho. Observamos ainda, em muitos momentos, o corpo como bloco a ser desfeito, no que diz respeito às cristalizações e automatismos.

Percebemos uma dificuldade de escuta entre as mulheres, devido à necessidade de desabafar e falar de si e à falta de interlocução. Principalmente nos momentos

em que trabalhamos em círculo, quando surgem conteúdos de grande densidade e carga emocional. Estes são momentos privilegiados para nós, coordenadores, pelas participantes e às possibilidades de alterações.

Também notamos a presença do componente lúdico e divertido de algumas vivências, como as lembranças da infância e um sentimento de “voltar a ser criança”, como elemento importante para o desenvolvimento de nosso trabalho.

Descobrimos também que o grupo tem servido como um espaço, uma referência importante para as mulheres. Elas comentam que trocam experiências e se encontram mesmo fora do nosso espaço de trabalho, fato que não ocorria anteriormente. Algumas das participantes mencionam o aspecto terapêutico da proposta e a sua importância. Se referem aos encontros como espaço de “psicoterapia”, “terapia de grupo”, no qual relatam fatos de suas histórias pessoais, procurando elaborá-las. Registram-se depoimentos, tais como: o recebimento da notícia de ter um filho portador de deficiência; a participação ou não do companheiro em suas vidas; dificuldades na relação com o próprio corpo e/ou sexualidade; o preconceito por parte de outras mães pelo fato de terem um filho portador de deficiência; medos e fantasias em relação ao fato de começarem a realizar exercícios em casa e serem chamadas de loucas pelos familiares. Tais temas, discutidos através da linguagem verbal, são acolhidos ao longo do trabalho em articulação com os exercícios corporais, sendo os dois movimentos complementares e interdependentes.

Assim, ainda que nossas observações, neste momento, sejam provisórias, já pudemos perceber que há ainda muitas demandas individuais e grupais a serem trabalhadas. É preciso dizer que temos uma série de indicações em relação ao encaminhamento da experimentação; porém, sabemos que o próprio grupo nos dirá por onde seguir.

CONCLUSÃO

A título de conclusão, podemos dizer que a observação da potencialidade do trabalho corporal e dança em Terapia Ocupacional tem sido fundamental para entender e alterar dinâmicas e formas de existir. Percebemos também, o interesse e a disponibilidade das populações atendidas para a realização deste trabalho.

Talvez por isso, a Terapia Ocupacional, seguindo uma tendência contemporânea, esteja utilizando, cada vez mais, o trabalho corporal e a dança em suas intervenções.

Paralelamente, deve-se registrar que este tipo de trabalho necessita de tempo e constância, por despertar

conteúdos internos que precisam ser elaborados gradativamente. Ao longo do trabalho surgiram, por exemplo, histórias complexas de opressão, submissão, vergonha, relacionamento problemático com companheiros e filhos, entre outros depoimentos.

Por tudo isso, percebemos a importância e a necessidade de envolver, nessa discussão, os familiares dos portadores de deficiências, particularmente as mães que, em muitos casos, ficam relegadas a um plano inferior, principalmente aquelas que têm filhos que necessitam de

cuidados especiais.

Observa-se, também, a imensa gama de possibilidades de intervenção neste campo: atividades que se desdobram em outras e se ampliam. Com isso, se impõe a necessidade de formação e de estudo permanente do profissional que irá atuar nessa área.

A reflexão aqui apresentada revela apenas um primeiro olhar sobre esta experiência; permanecem abertas para discussão as propostas de trabalho a serem realizadas com este grupo e as questões que deveremos aprofundar.

LIBERMAN, F., VOGEL, B. Bodywork and dance in occupational therapy group mothers and relatives. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, v.11, n.2/3, p.63-7, maio/dez., 2000.

ABSTRACTS: This present article deals about some reflections concerning a group of bodywork and dancing with mothers and relatives of disabled at the Estação Especial da Lapa - São Paulo. Through observations about this experience it is possible to show the potentiality of corporal approaching in Occupational Therapy, tracing some of their objectives and methodological aspects. Beside these, some repercussions of these actions were analyzed together with this population, reaffirming the necessity that the occupational therapist actuates with the families, specifically the mothers and/or the persons who maintains a close acquaintance to disabled.

KEYWORDS: Dance therapy/methods. Psychotherapy, group/classification. Family relations. Mother-child relations.

Recebido para publicação: 10/02/2000

Aceito para publicação: 10/05/2000